

## Que estádio é esse? Em busca de uma taxonomia torcedora para o novo Maracanã

Fernando da Costa Ferreira\*

Instituto Benjamin Constant

**Resumo:** O presente artigo procura identificar e classificar os principais tipos de torcedores encontrados no Maracanã, após a observação, ao longo dos anos de 2015 e 2016, de cinquenta e uma partidas realizadas no estádio. Reinaugurado em 2013, após uma longa reforma/reconstrução, o mítico equipamento esportivo carioca ressurgiu com o seu interior completamente descaracterizado, concebido como uma arena para um público de maior poder aquisitivo, disposto a obedecer a rígidas normas de conduta. Em nome de um discurso de inclusão de grupos tradicionalmente excluídos do antigo estádio e partindo de uma associação equivocada entre comportamento do público e classe social, o filtro da exclusão passou de sociocultural para socioeconômico. Entretanto, a resistência empreendida por diferentes grupos de torcedores, fez com que o espaço concebido pelos atores hegemônicos não conseguisse se impor plenamente sobre o espaço vivido pelo público frequentador.

**Palavras-chave:** Maracanã. Estádio. Arena. Torcedor. Espectador

**Abstract:** This article aims to identify and classify the main types of fans found in Maracanã Stadium, after observing, during the years 2015 and 2016, fifty-one games played at the ground. Reopened in 2013, after a long renovation/reconstruction, the mythical sports equipment of Rio resurfaced with its completely modified interior, conceived as an arena for a public of greater purchasing power, willing to obey rigid norms of conduct. In the name of a discourse of inclusion of groups traditionally excluded from the old stadium and starting from a mistaken association between behavior of the public and social class, the filter of exclusion passed from socio-cultural to socioeconomic. However, the resistance made by different groups of traditional supporters, made the space conceived by the hegemonic actors could not fully impose on the space experienced by the public.

**Keywords:** Maracanã. Stadium. Arena. Supporter. Fan

### Introdução

A inauguração do estádio do Maracanã, em 1950, marcou o auge do processo de popularização do futebol em nosso país. Durante décadas, este equipamento, concebido para abrigar diferentes classes sociais, ainda que em espaços segregados, reforçou sua centralidade

---

\* Professor de Geografia do Instituto Benjamin Constant. Doutor em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail de contato: bfggeo@uol.com.br

popular, transformando-se num dos principais referenciais concretos e simbólicos dos moradores da cidade do Rio de Janeiro.

Sua reabertura em 2013, após quase quatro anos de uma reforma com ares de reconstrução, e gastos superiores a R\$ 1,2 bilhão, consolidou o processo de desterritorialização do torcedor tradicional de menor poder aquisitivo, em curso há mais de uma década. Entretanto, o fortalecimento de expressões de resistência dificultou e, em determinadas situações, impediu a plena imposição das ações planejadas pelos atores hegemônicos. Como consequência deste embate *estádio x arena*, terminada a Copa do Mundo de 2014, era possível perceber um processo contínuo de inclusão, exclusão e reapropriação daquele espaço sagrado tradicionalmente marcado por rituais profanos. Dessa forma, o presente artigo procura, a partir da elaboração de uma taxonomia torcedora própria, construída após a observação de cinquenta e uma partidas em oito diferentes setores, identificar e classificar os principais tipos de torcedores encontrados no Maracanã ao longo dos anos de 2015 e 2016. Para a melhor compreensão por parte do leitor, o texto encontra-se estruturado em três seções.

A primeira parte trata do processo de “arenização” e elitização dos espaços destinados à prática do futebol, traçando uma crítica ao emprego do termo “multiuso”, reduzido a uma abordagem meramente economicista; num segundo momento, procuraremos abordar o processo de construção de uma taxonomia torcedora própria para o Maracanã arenizado, tendo como base (mas promovendo avanços em suas categorias), o texto *Fanáticos, seguidores, fãs e flanêurs: uma taxonomia de identidades do torcedor no futebol*, escrito pelo sociólogo escocês Richard Giulianotti; o terço final, tratará dos diferentes tipos e subtipos de frequentadores identificados no estádio/arena Maracanã ao longo dos anos de 2015 e 2016.

## As arenas multiuso

De acordo com o geógrafo inglês John Bale (1993), as modernas instalações esportivas são concebidas como artefatos tecnológicos, onde coberturas moldadas com materiais de última geração, os gigantescos ecrãs de alta definição e a internet de grande velocidade dividem a atenção do espectador com a ação que se desenrola no interior do equipamento voltado ao entretenimento pago. O estádio tradicional passa a ser ressignificado como arena multiuso. Sua configuração interna pode variar de acordo com o espetáculo que abriga. A setorização adquire um grau de sofisticação tamanho que é praticamente impossível o contato entre diferentes áreas e a livre movimentação dentro de um mesmo setor (via adoção de lugares marcados). Com a introdução do modelo *all-seater* (todos os espectadores sentados), os antigos locais destinados ao público em pé foram eliminados, sendo substituídos por assentos individuais, camarotes corporativos ou setores destinados à presença de famílias, com a redução da capacidade de público amplamente compensada por um aumento significativo da arrecadação.

Ao analisar de forma crítica o emprego do termo “multiuso” e a sua redução a uma abordagem economicista, o também geógrafo Gilmar Mascarenhas, mesmo reconhecendo o potencial de geração de renda desses novos espaços, questiona os impactos que os processos de “arenização” e elitização em curso procuram impor aos modos de torcer tradicionais. Nas palavras do autor:

A retórica dominante enaltece tais equipamentos como dotados de uma multifuncionalidade, através do recorrente adjetivo “multiuso”. Trata-se, na realidade, de uma adequação arquitetônica que permite o funcionamento de lojas e restaurantes no interior do estádio, bem como acolher grandes eventos musicais, religiosos e outros. Sem dúvida, a moderna arena multiplica sua capacidade comercial ao flexibilizar as funções do equipamento. Todavia, para o torcedor engajado, o que se percebe é o movimento oposto, de restrição acentuada de seu comportamento, reduzido à condição passiva de assistir sentado. Portanto, ao contrário do que é entusiasticamente divulgado pelos agentes hegemônicos, interdições diversas padronizam as formas de torcer e acenam para o torcedor a clara redução da natureza efetivamente “multifuncional” do estádio tradicional, que era o verdadeiro portador da diversidade de usos: não apenas assistir espetáculos, mas ser protagonista, e inventar formas de expressão coletiva, de cantar, dançar, comer e beber (Mascarenhas 2013: 157).

Ao longo do presente século assistimos a uma mudança radical do comportamento almejado para a plateia nos ambientes sagrados e consagrados para a prática do futebol. Irlan Santos (2014) estabelece uma distinção entre os processos de elitização e arenização. No seu entendimento, a elitização é anterior à arenização, pois teve início com a remodelação total ou parcial dos antigos estádios, com a adoção de medidas como a eliminação de setores onde a torcida permanecia de pé, a colocação de cadeiras sobre o cimento das arquibancadas e a criação de espaços com camarotes e áreas VIP, inspiradas no modelo inglês, como forma de aumentar o valor médio auferido pelas entradas. A arenização, por sua vez, mesmo tendo como ponto de partida no Brasil, a reforma do antigo Estádio Joaquim Américo e a sua transformação em Arena da Baixada, no ano de 1999, somente viria a ganhar impulso oito anos mais tarde, a partir da escolha do país como sede da Copa do Mundo de 2014. O ano de 2007 marcaria, portanto, a interseção histórica entre os dois processos.

No Maracanã, o fim da Geral, em 2005, concretizou o desaparecimento de um espaço consagrado ao livre torcer, ocupado majoritariamente por indivíduos pertencentes às classes sociais menos favorecidas. Nesse cenário, a eliminação do antigo setor popular buscava apagar qualquer “vestígio de uma época passada que não concorda com as exigências modernas da produção do desporto” (GAFFNEY 2004: n.p). O processo posterior de arenização ao qual o Maracanã foi submetido constituiu o ápice dessa mudança de paradigma pretendida.

Gustavo Coelho (2015) afirma que o modelo arquitetônico das novas arenas voltado a oferecer um maior conforto ao público presente, privilegia os torcedores que usam mais os olhos do que o corpo. Nesses espaços, destinados aos torcedores de tipo individual, aos quais nomeia como torcedores “sem mito”, haveria uma busca pela cisão dos elos prazerosos e perigosos construídos pelo coletivo dos membros das Torcidas Organizadas (torcedores “com mito”), que têm nos rituais relacionados à dor um “fator de comunhão e cimentação social” (p.190). O novo modelo, baseado na atomização do torcedor, implicaria em um

constrangimento sobre o ato de torcer como expressão coletiva, forçando o seu desaparecimento em benefício de uma individualização do espectador. Os equipamentos projetados ou remodelados para a prática do futebol tenderiam a se transformar em estádios “sem mito”, desprovidos de uma alma própria. A definição de Luiz Felipe Flores acerca do comportamento do público na tradicional setorização do Maracanã parece profetizar, à perfeição, a mudança de orientação almejada para a plateia presente ao estádio três décadas depois: “Arquibancadas e gerais são ocupadas por massas; cadeiras, tribunas e camarotes por indivíduos” (1982:54).

Seguindo à risca o receituário imposto pelos atores hegemônicos aos equipamentos que pleiteiam sua inserção como protagonistas no circuito dos megaeventos esportivos, o Maracanã ressurge, em 2013, como uma arena hipersetorizada (foto 1), concebida para atender aos anseios do torcedor-consumidor. Em nome de um discurso de inclusão de grupos tradicionalmente excluídos do antigo estádio e partindo de uma associação equivocada entre o comportamento do público e a classe social à qual pertence, o filtro da exclusão passou de sociocultural para socioeconômico. Trazendo para o campo da geografia dos esportes o termo cunhado pelo geógrafo brasileiro Rogério Haesbaert (1997), houve uma aceleração do processo de *desterritorialização* concreta e simbólica do torcedor tradicional de menor poder aquisitivo.



Foto 1. Maracanã arenaizado e hipersetorizado. Foto do autor (2015).

A hipersetorização do Maracanã exerceu influência direta sobre as diferentes formas de apropriação do estádio pelo público frequentador. Enquanto as expressões coletivas de torcer sobreviveram (em razão de uma forte resistência empreendida) confinadas nos setores superiores Norte e Sul, nas demais partições, prevaleciam as formas atomizadas.

Recorrendo às proposições elaboradas por Henri Lefèbvre (2006), constatamos, durante o período de observações *in loco* com vistas à elaboração de nossa tese de doutoramento<sup>1</sup>, a existência de um descompasso entre o espaço concebido pelos atores hegemônicos e o espaço vivido pelos frequentadores. Era possível perceber a produção e reprodução de múltiplas territorialidades torcedoras em contraposição à homogeneização pretendida para a claqué. Dessa forma, ao longo da observação de cinquenta e uma partidas, em oito setores diferentes, compreendemos que seria fundamental a elaboração de uma taxonomia torcedora própria com a finalidade de compreender como a icônica praça de esportes carioca vinha sendo apropriada pelo público presente. Para tal, utilizamos como base o texto *Fanáticos, seguidores, fãs e flanêurs: uma taxonomia de identidades do torcedor no futebol*.

## **Construindo uma taxonomia torcedora para o novo Maracanã**

Na obra supracitada, publicada em 2012, o sociólogo escocês Richard Giulianotti, ao abordar o impacto da mercantilização do futebol sobre as identidades torcedoras, construiu um modelo calcado nas combinações prováveis entre duas oposições binárias: quente/frio (baseado na importância da relação do torcedor com o clube para a formação da identidade do indivíduo) e tradicional/consumidor (que mede o grau de investimento emocional e/ou financeiro do indivíduo em um clube). O autor propõe quatro tipos ideais de torcedores: *fanáticos* (tradicionais/quentes), *seguidores* (tradicionais/frios), *fãs* (quentes/consumidores) e *flâneurs* (frios/consumidores).

O *fanático* caracteriza-se pelo denso investimento emocional com o time do coração, compreendido como um dos mais importantes e sólidos traços de identidade do indivíduo. Há também um envolvimento com a comunidade local e uma relação topofílica com o estádio, cuja frequência, especialmente em dias de jogos, constitui parte de um ritual que se repete ao longo de anos ou décadas. Junto aos seus pares, executam um espetáculo corpóreo acompanhado por cânticos de exaltação ao clube, a suas figuras emblemáticas e à própria torcida, conferindo a esses espaços sagrados uma atmosfera “única”. Sua relação com o clube não exclui um investimento financeiro, mas este não é primordial. Numa escala de valores, predomina o caráter incondicional de lealdade e solidariedade, em todos os momentos da história da instituição, que lhe confere um capital subcultural que não pode ser adquirido com a compra de produtos relacionados ao clube e serve como um autoproclamado elemento de distinção em relação às demais categorias de torcedores.

O *seguidor* não atribui ao time para o qual torce uma centralidade de caráter exclusivo na sua relação com o futebol, sendo capaz de acompanhar outros personagens do esporte, tais como atletas, treinadores e, de modo mais tênue, outras agremiações. Para o *seguidor*, é possível construir identificações em maior ou menor grau com outras equipes (identidades aninhadas),

respeitando, porém, uma determinada “ética” que o impede de se aproximar, por exemplo, de um rival local ou regional. Mesmo assim, sua identidade clubística primária permanece intacta em razão da vigência de um “contrato cultural” com a agremiação, tão sólido quanto o existente com o *fanático*. Da mesma forma, a relação do *seguidor* com a equipe baseia-se em trocas simbólicas não econômicas. A mediação com o futebol, por sua vez, é feita pela chamada “mídia fria” (televisão e internet), e as múltiplas identificações construídas por ele transformam-no num consumidor potencial do futebol como espetáculo midiático. Ao contrário do *fanático*, os estádios de futebol não possuem o mesmo caráter de templo, servindo como estruturas onde se desenrola o espetáculo, dentro e ao redor das quatro linhas. A frequência a esses espaços, não raro, é esporádica ou mesmo inexistente.

O *fã*, por sua vez, vivencia o clube e tudo aquilo que o envolve (tradições, jogadores e outros torcedores) fundamentado em um conjunto de relações baseadas no mercado. Em razão de grande parte dos *fãs* residirem em pontos geograficamente distantes, percebe-se uma intensa relação afetiva unidirecional entre esse tipo de torcedor e o time e/ou seus ídolos. Dessa forma, a construção da identidade do *fã* está centrada no consumo de uma variada gama de produtos (*souvenirs*, aquisição de ações da equipe, artigos anunciados pelos astros do futebol, etc.), tornando indissociáveis os investimentos afetivo e financeiro. O *fã* compreende o aporte de capitais no time do coração não como uma oportunidade de auferir lucros, mas sim como uma ação necessária para a manutenção da competitividade da equipe num cenário marcado pela hipermercantilização do futebol. No caso dos jogadores, sua identificação “quente” com eles é alimentada por uma mídia específica, dedicada a abastecê-lo com uma variada gama de informações que costuma extrapolar o universo do futebol. Essa transformação do ídolo em bem de consumo descartável confere um caráter transitório à idolatria devotada pelo *fã* ao atleta, que tende a enfraquecer em razão do declínio físico do esportista e da chegada de novos astros com potencial de consumo multiescalar a ser explorado.



Por último, o *flâneur* é apresentado como um “burguês” em busca de uma multiplicidade de experiências do futebol, cujas práticas sociais são cada vez mais orientadas para o consumo. Esse torcedor pós-moderno possui uma identidade cosmopolita, desenraizada, construída por meio de um conjunto de relacionamentos virtuais despersonalizados, orientados para o mercado e mediados pela mídia fria. Possui um contrato cultural tênue tanto com a equipe para a qual dedica o ato de torcer quanto com a sua seleção nacional (ou mesmo com o próprio futebol), que pode ser rompido unilateralmente sem qualquer constrangimento. O consumo de produtos relacionados a uma determinada equipe baseia-se muito mais no significativo (*design* da camisa, projeção midiática da equipe) do que no significado (história do clube). Sua relação com as partidas é mediada pelas arenas virtuais. Apesar do baixo nível de afeto coletivo genuíno, em situações excepcionais como as Copas do Mundo, é possível encontrá-los com uma presença significativa em arenas “neutras”, assépticas, verdadeiros não lugares, desprovidos de quaisquer sentidos topofílicos, concebidos para abrigar “a circulação fria dos produtos efêmeros do futebol” (p. 28). Nesses locais, confortavelmente instalados, o *flâneur* se traveste temporariamente de *fanático* e, não raro, ostenta indumentárias, rostos e corpos pintados com as cores do clube ou seleção nacional, à espera do ápice da sua experiência na arena: o instante no qual terá a sua imagem projetada nos ecrãs de alta definição. De acordo com Giulianotti, a verdadeira identidade do *flâneur* “é baseada no movimento constante, normalmente em termos materiais, mas cada vez mais em termos virtuais, mudando de afiliação como se muda de canal de televisão” (op. cit p. 29).

Ainda que este modelo tenha sido concebido a partir de uma realidade próxima à do torcedor europeu, acreditamos que seria possível utilizá-lo como inspiração para a caracterização do público presente ao Maracanã ao longo dos anos de 2015 e 2016. Procuramos, então, classificar os torcedores de acordo com a sua distribuição espacial e com os modos de comportamento relacionados às diferentes expressões coletivas e individuais de torcer e de que

formas eles têm se apropriado do estádio. Em razão do foco da análise se concentrar no Maracanã das práticas cotidianas, optamos por não observar confrontos envolvendo seleções nacionais. Procuramos tratar da relação do frequentador com o estádio, mediada pela intensidade de como a paixão clubística se manifesta. Para tal, trabalhamos com duas oposições comportamentais. A primeira, existente há décadas, opõe o *torcedor* (ativo, vibrante, parte fundamental do espetáculo) ao *espectador* (de conduta contemplativa, porém, não menos apaixonado); a segunda, acentuada após a reforma/reconstrução do estádio/arena, envolve *artistas x atores*.

Compreendemos o *artista* como um frequentador do estádio que, independentemente do grau de fanatismo pela equipe e do comportamento adotado, assume o papel de protagonista nas áreas destinadas ao público. Em geral, procura participar de forma ativa, incentivando a equipe com gritos, cânticos, gestos coreografados, vestimentas e/ou adereços exóticos e o manuseio de objetos (bandeiras, trapos, faixas, camisas, etc.).

Na outra ponta, temos os *atores*, com o emprego desse termo servindo para caracterizá-lo como frequentadores que assumem atitudes não espontâneas no estádio, tais como poses, figurinos e um breve mimetismo do repertório comportamental característico dos *artistas*. Tudo pré-concebido, à espera, por exemplo, da foto perfeita a ser imediatamente compartilhada e “curtida” nas redes sociais. Ser focalizado pelas câmeras de televisão e ter a imagem replicada nas transmissões ao vivo ou mesmo nos telejornais e/ou ter a projeção da sua figura nos telões de alta definição, representam um bônus para esse indivíduo.

Ainda que saibamos da existência de todo um ritual previamente roteirizado, que aproxima as partidas de futebol das cerimônias religiosas (BROMBERGER: 1995), um dos traços distintivos entre *artistas* e *atores* diz respeito à intencionalidade contida em suas atitudes: enquanto o primeiro tem como objetivo compartilhar e contribuir para o bem comum (incentivo ao time do coração e promoção da festa), caberia ao segundo a satisfação e promoção pessoal

com a divulgação da sua imagem e/ou mensagem se sobrepondo ao interesse da coletividade. De acordo com a perspectiva dos *atores*, o apoio ao time do coração (ou mesmo o interesse pela partida de futebol) não é percebido como elemento primordial que o motive a frequentar o estádio.

### **O Maracanã e seus diferentes modos de torcer**

Propomos quatro combinações de tipos ideais de torcedores possíveis de serem encontrados no estádio: *torcedor-artista*, *espectador clássico*, *espectador-ator (não torcedor)* e *torcedor-ator*. De antemão, este último grupo não pôde ser retratado, em razão de a pesquisa ter como foco o Maracanã do cotidiano, não o dos megaeventos esportivos. Sua presença inexistiu ou foi, no máximo, residual, fazendo-se notar especialmente ao longo da realização das Copas das Confederações, em 2013, e do Mundo, em 2014, além dos Jogos Olímpicos de 2016. Durante tais eventos, com destaque para a competição máxima do futebol, muitos *torcedores-atores* compareceram à arena, com espírito festivo, fantasiados, carregando consigo um sem número de adereços e/ou com partes do corpo pintadas com as cores da nação a qual representavam. Entretanto, como veremos, ao tratarmos dos *torcedores caricatos*, não é possível compará-los a outros personagens que costumam marcar presença nos jogos envolvendo clubes, paramentados de maneira extravagante.

#### *O torcedor-artista*

Este indivíduo compreende a partida de futebol como um espetáculo que não se reduz aos limites físico (das quatro linhas) e temporal (dos noventa minutos) impostos pelas regras do esporte. Sozinho ou em grupo, sua participação ativa tem como objetivo incentivar a equipe em busca de um resultado positivo. Para tal, a ação deve prevalecer sobre a contemplação, e o estádio constituir-se como local de encontro de diferentes tipos, unidos por um sentimento comum: a paixão pelo time do coração.

Não é possível associá-lo a um determinado padrão físico, gênero, classe social ou faixa etária. Pode ser encontrado em todos os setores do estádio, ainda que, em razão da existência de normas de comportamento mais “elásticas” (fruto de expressões de resistência empreendidas pelas lideranças e grupos de defesa do livre torcer, pautadas no diálogo com os administradores da arena e responsáveis pela manutenção da ordem), haja uma concentração mais expressiva desses torcedores nos níveis 2 e 5 das porções Norte e Sul<sup>2</sup>, de onde partem as expressões corpóreas, os cânticos e os brados de incentivo e, quando necessário, de contestação. Nos demais pontos, prevalecem os torcedores atomizados, que transmitem o seu apoio ou indignação de maneira individual e, em determinadas ocasiões, consentem em engrossar os hinos entoados pelas entidades de diferentes vertentes, dedicadas ao torcer em grupo, às quais denominamos como Movimentos Organizados de Torcedores (MOTs<sup>3</sup>). A união dessas duas expressões torcedoras é a força motriz responsável pela transformação do Maracanã tanto em espaço de festa quanto em espaço de protesto. Podemos subdividi-los em: *torcedores coletivizados* (e seus subtipos); *satélites*; *pós-geraldinos*; *defensores do território* e *torcedores caricatos*.

#### *Os torcedores coletivizados*

Durante o período da análise etnográfica empreendida no Maracanã, uma das maiores dificuldades relacionou-se à observação do comportamento de componentes vinculados às torcidas organizadas, historicamente mais aguerridas e temidas, em razão das constantes punições sofridas por elas, advindas do envolvimento em atos violentos, muitas vezes em pontos afastados do estádio. As punições, solicitadas pelo Ministério Público do Rio de Janeiro (MPRJ) e impostas pelo Juizado Especial do Torcedor do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro, consistiam no banimento dos estádios por períodos de até um ano, na proibição da exibição de faixas, bandeiras, instrumentos, camisetas ou qualquer outro símbolo relacionado a tais agrupamentos e na imposição de pesadas multas em caso de desobediência à ordem

judicial<sup>4</sup>. Nesse contexto, não foi possível analisar, de forma direta, a *Força Jovem do Vasco* (FJV<sup>5</sup>) e a *Torcida Jovem do Flamengo* (TJF). Outros agrupamentos, como a *Torcida Jovem do Botafogo* (TJB), *Fúria Jovem do Botafogo* (FJB), *Raça Rubro-Negra* (RRN) e *Torcida Young Flu* (TYF), foram estudados por breves períodos. Em 2016, no caso das organizadas vinculadas ao Flamengo, as penalidades impostas ao clube em razão de distúrbios ocorridos entre adeptos rubro-negros e palmeirenses no Estádio Mané Garrincha (Brasília), bem como a impossibilidade de conseguirmos entradas para o setor Norte nas quatro ocasiões em que a equipe atuou no Maracanã dificultaram ainda mais a nossa missão.

Apesar do processo de asfixia em curso e do rigor do policiamento em fazer cumprir a decisão judicial impedindo a entrada de torcedores ostentando quaisquer símbolos alusivos a elas, em alguns momentos, as organizadas tradicionais conseguiram “driblar” a punição e se fizeram presentes<sup>6</sup>.

Trazendo o enfoque da análise para os coletivos denominados por Rosana da Câmara Teixeira (2013) como “movimentos populares”, até a metade da fase de observações *in loco*, tendíamos em agrupar os seus integrantes na categoria dos *torcedores-atores*. Impressão reforçada e, praticamente cristalizada, ao longo da partida Flamengo 0x3 Corinthians<sup>7</sup>. À distância, observava os componentes da *Nação 12* cantando e tremulando incessantemente suas bandeiras de mão, atitude que se manteve inalterada após o término do confronto, mesmo com o resultado adverso combinado a uma constrangedora atuação da equipe. Ao elaborar o relatório de campo relacionado àquele encontro, questionei o comportamento daquele animado agrupamento por não o compreender como “natural”, ainda mais para quem, apesar da neutralidade pretendida, possui uma cultura torcedora em estádios, construída desde a década de 1980. Entretanto, um entrevero ocorrido também ao final de uma partida, desta feita, Fluminense 1x4 Palmeiras<sup>8</sup>, alterou a minha percepção acerca desses vibrantes coletivos. Enquanto alguns integrantes da barra<sup>9</sup> *Bravo 52* recolhiam as bandeiras de mão, avistei um

torcedor aparentando pouco mais de 30 anos<sup>10</sup> conversando com um dos jovens encarregados dessa tarefa, a quem chamou de Matheus. Preocupado com o desânimo de alguns componentes e, principalmente, com a indignação de torcedores avulsos postados nas adjacências, que replicavam os protestos emanados (a uma considerável distância) da organizada *Força Flu*, o torcedor explicava de forma concisa e didática ao resignado jovem que “existe torcida que tem canto de apoio e existe torcida que tem canto de guerra”. Desse modo, a *Bravo 52* não poderia “abandonar” ou se voltar contra a equipe. Sua fala me fez repensar acerca da ideia de que os movimentos representariam um modo de torcer menos autêntico do que o das organizadas, em razão de uma concepção pessoal acerca do que constituiria o apoio incondicional ao time. Passei a compreender que se tratava de uma proposta que deveria ser seguida por todos aqueles dispostos a fazer parte daquele grupo<sup>11</sup>, ou seja, parte da arte de vivenciar uma partida de futebol.

Era possível perceber, nos setores superiores Norte e Sul, uma tendência à aproximação entre componentes dos *movimentos populares* e de *expressões alternativas de torcer*<sup>12</sup>, em razão de se tratarem de agrupamentos com propostas parecidas. De acordo com o sítio *Coluna do Flamengo*, em 2015, lideranças da *Fla-Manguaça* e da *Nação 12* anunciaram uma parceria que perduraria até o término do campeonato estadual daquele ano, com o intuito de aumentar o apoio incondicional e de aprimorar a festa nas arquibancadas, “deixando o Flamengo acima de vaidades”. Houve também uma adequação do repertório a ser executado e entoado em conjunto e o deslocamento do movimento popular rubro-negro das proximidades da pilastra 38 para as pilastras 43 e 44. De certo modo, essa aproximação serve para a formação de uma zona de amortecimento, que amplia a distância entre os movimentos populares e as torcidas organizadas mais aguerridas, casos, por exemplo, da *Flu Beer* e da *Flunitor*, posicionadas entre a *Bravo 52* e a *Fiel Tricolor*, evitando o acirramento de rivalidades intraclubísticas.

### *Os satélites*

Nas ocasiões em que pude assistir às partidas, próximo a diferentes Movimentos Organizados de Torcedores, percebi que eles possuíam uma espécie de “núcleo duro”, onde todos pareciam se conhecer e se relacionar. Para o observador externo, é possível identificá-los, dependendo do aglomerado, por portarem diferentes tipos de bandeiras, instrumentos musicais, faixas e vestimentas, além de entoarem cânticos próprios. Em razão do quantitativo pouco expressivo quando comparado ao público total, seus componentes parecem exercer uma ou mais funções pré-determinadas dentro e fora do setor das arquibancadas. Entretanto, esses núcleos, especialmente os movimentos populares e torcidas organizadas tradicionais de maior apelo, atraem um tipo de adepto que aprecia e se identifica com o modo de torcer daquele coletivo e que procura uma localização próxima a eles, sem desrespeitar o espaço ocupado pelos seus componentes.

Trata-se de um torcedor que frequenta o estádio com certa regularidade, procura manter-se fiel a uma determinada localização, chega com antecedência e costuma fazê-lo vestido com a camisa do time e não daquele grupo específico. Para esse indivíduo, o pré-jogo, contemplando e/ou participando, é parte fundamental da experiência torcedora no Maracanã. Não raro, conhece e acompanha a plenos pulmões os cânticos entoados pelo núcleo duro (os de domínio popular, como o hino do clube e as tradicionais canções de incentivo, e as músicas próprias, paródias e refrãos criados para situações específicas). Sua postura procura mimetizar a cultura torcedora de permanecer de pé. Ao mesmo tempo, sentem-se livres para romper unilateralmente o contrato temporário torcida-torcedor caso alguma atitude lhe desagrade, como, por exemplo, a ocorrência de confrontos. A esses torcedores avulsos, temporária e voluntariamente coletivizados, posicionados nas adjacências dos Movimentos Organizados de Torcedores com a disposição para torcer com o grupo, mas sem a pretensão de pertencer formalmente ao grupo, chamaremos de *satélites* (foto 2).



Foto 2. Satélites da *Young Flu*. Foto do autor (novembro de 2016).

Da mesma forma que as torcidas possuem propostas distintas, os *satélites* tendem a se aproximar do MOT que apresente características com as quais se identifiquem. Sendo assim, enquanto os movimentos populares tendem a atrair um torcedor com perfil festivo, muitos deles acompanhados do cônjuge e/ou familiares, as organizadas tradicionais concentram torcedores avulsos com uma postura mais aguerrida. A posição escolhida pelo *satélite* pode mudar de acordo com o adversário e o contexto associado à disputa. É permitido, por exemplo, a um *satélite* rubro-negro, assistir a uma partida contra um adversário de menor expressão junto à *Fla-Manguaça* e, numa contenda decisiva contra um rival local, ao lado da *Raça Rubro-Negra*. Sua proximidade e o livre trânsito entre diferentes modos de torcer, associado à cultura torcedora preexistente, contribuem para a formação de comportamentos híbridos no estádio.

### *O pós-geraldino*

A partir do segundo semestre de 2016, uma das variações relacionadas aos comportamentos específicos de *torcedores-artistas* adquiriu um novo *status* no estádio. A transformação dos setores mistos em locais de torcida única, o rápido esgotamento das entradas postas à venda para os setores “populares”, o fim do lugar marcado e o menor rigor dos fiscais



de comportamento (*stewards*) com os frequentadores que optavam por assistir às partidas de pé, fizeram com que um novo tipo de adepto, antes presente somente nas primeiras fileiras dos setores inferiores Norte e Sul (foto 3) e constantemente reprimido, conquistasse visibilidade e muito maior protagonismo. A ele, chamamos de *pós-geraldino*. Naqueles pontos nobres, ocupados durante décadas pela Geral, um considerável contingente humano optou por, espontaneamente, desconsiderar a existência dos assentos “padrão-FIFA”.



Foto 3. *Pós-geraldinos* rubro-negros no setor Norte inferior junto à mureta divisória com o gramado. Foto do autor (julho de 2015)

A sobrevivência de um costume compreendido como ultrapassado em meio a um local projetado para um público com comportamento adequado ao novo padrão desejado para o frequentador das partidas de futebol gerou tensões entre modos de torcer conflitantes. Os *stewards*, como poder regulador, agiam somente quando os “infratores” estavam desacompanhados ou em clara inferioridade numérica em relação aos reclamantes. Se, até o final de 2015, eles podiam ser vistos apenas na última fileira das porções inferiores Leste e Oeste (protegidos pela altura da mureta de separação com os camarotes), além de, em partidas de menor apelo, nas extremidades laterais, no ano seguinte, os *pós-geraldinos* conseguiram impor o seu modo de torcer à grande maioria da plateia presente, fato que gerou forte

descontentamento. Antes comuns nas arquibancadas do antigo Maracanã, gritos de “senta!” ressurgiram bradados por espectadores insatisfeitos. Exceção feita ao setor Maracanã Mais, sua presença se fez marcante em todas as partidas realizadas no ano de 2016, independente dos valores cobrados pelas entradas.

Livres da mediação dos *stewards*, nos encontros com menor presença de público, os próprios frequentadores conseguiram chegar a um ponto de equilíbrio. Os *pós-geraldinos* ocupavam as primeiras fileiras, o “tradicional” último degrau de assentos e a vizinhança com o setor “popular” da sua torcida. Um pouco afastados e nos blocos com a menor densidade de *pós-geraldinos*, os *espectadores clássicos* conseguiam assistir aos jogos sem serem incomodados (foto 4).



Foto 4. Coexistência pacífica entre *pós-geraldinos* e *espectadores clássicos* no setor Leste inferior. Foto do autor (novembro de 2016)

Por sua vez, a postura do *pós-geraldino* não acompanha a dos *torcedores-artistas* filiados aos MOTs. De certa forma, ele compõe um meio-termo entre a tensa contemplação dos espectadores tradicionais e o hábito de permanecer de pé, característico dos *satélites*. As

transgressões verbais são corriqueiras, mas ele permanece a maior parte do tempo em estado de tensão e atenção, concentrado na partida. Em momentos festivos ou manifestações contundentes de apoio, sua presença preencheu o vácuo existente entre os MOTs posicionados atrás dos gols. Dessa forma, a adoção momentânea às coreografias, aos gritos e cânticos proferidos pela porção mais atuante da torcida foi fundamental para que, repetidas vezes, o Maracanã ressurgisse como espaço de festa, fenômeno pouco comum em 2015.

### *Os defensores do território*

Em partidas de grande apelo de público, com a expectativa de que todas as entradas destinadas para o setor “popular” tradicionalmente ocupado pelos seus torcedores sejam comercializadas, há o “transbordamento” da torcida via abertura dos subsectores localizados na extremidade oposta, posicionados entre a torcida visitante e o setor Leste ou Oeste. O perfil desse frequentador assemelha-se ao encontrado no nível 1 dos setores Norte e Sul, com o claro predomínio de espectadores clássicos apesar de não haver, em termos quantitativos, uma participação tão expressiva de crianças e idosos. Praticamente não há vestígios relacionados à presença dos MOTs (apenas alguns indivíduos vestindo camisas, portando bonés e outros adereços) e, conseqüentemente, de seus *satélites*.

Em meio a esse cenário, emerge um tipo de torcedor que, na ausência das torcidas organizadas mais aguerridas, parece tomar para si a missão de defender o local por ele ocupado contra o “inimigo” próximo. Posicionado junto à grade de separação com a torcida visitante, esses avulsos “com alma”, constituem-se em verdadeiros *defensores do território*. Dedicam grande parte da sua atenção a provocar o coletivo rival que, em razão da presença dos policiais do Grupamento Especial de Policiamento em Estádios (GEPE), costuma replicar com gestos, ameaças e desafios para que eles ousem transpor as barreiras física e humana existentes (foto 5).



Foto 5. Troca de ofensas entre torcedor organizado santista e *defensores do território* rubro-negros, posicionados no setor Sul superior. Foto do autor (agosto de 2015)

Quando comparados aos torcedores organizados, as provocações desses adeptos chegam a soar como ingênuas. Aproveitando a estratégia do GEPE de destacar o efetivo policial somente para o lado da torcida visitante, os *defensores do território* costumam transpor a lona branca que cobre algumas fileiras de assentos com o intuito de ampliar a distância entre os dois grupos. Sem a presença física dos agentes repressores, posicionam-se junto à grade para exibir a camisa do clube, reproduzir gestos de adeus, apontar o dedo indicador para o chão como forma de reforçar a posse do território ou erguer o dedo médio em direção ao adversário, além de proferir ofensas “leves” emitidas de modo descoordenado, jamais em coro. Há uma potencialização desses comportamentos durante a entrada das equipes e logo após os gols. Não é comum ouvir cânticos ou menções a torcidas organizadas.

### *Os torcedores caricatos*

Da mesma forma que procedera com os componentes dos *movimentos populares*, de início, questionava se deveria classificar os torcedores que seguem para o estádio apresentando um visual extravagante como *artistas* ou *atores*. A observação *in loco* foi fundamental para dirimir tal dúvida. De pronto, excluí os indivíduos que procuram localizações privilegiadas (nos

setores mais caros) em partidas de grande visibilidade e alcance midiático, com a intenção de transmitir mensagens de exaltação à própria figura ou feitos pessoais, voltadas a um público restrito, que em nada acrescentam ao coletivo para o qual dizem apoiar. Acreditava, portanto, que se os componentes dos movimentos simbolizariam o padrão de comportamento coletivo dos *torcedores-atores*, os frequentadores fantasiados e/ou que exibiam cartazes no estádio representariam a sua expressão individual. Porém, conforme as idas a campo se sucediam, constatei um duplo equívoco. Sua presença recorrente mesmo em encontros de público diminuto e a forma intensa como vivenciam tanto o “pré-jogo” (com a escolha do figurino adequado ou da mensagem a ser transmitida para a torcida) quanto a própria partida demonstram uma paixão torcedora que, não raro, transformam-nos em torcedores-símbolo de seus clubes. Podemos compreendê-los, dessa maneira, como parte do espetáculo. Com a partida em andamento, ainda que busquem um posicionamento que permita uma fácil localização pelas câmeras de televisão, dedicam-se francamente a apoiar a equipe.

Aprofundando nossa taxonomia torcedora, conseguimos identificar, nos setores inferiores Norte e Sul, duas subdivisões de *torcedores caricatos: mensageiros e torcedores folclóricos*. Cada uma delas carrega consigo interessantes peculiaridades: a primeira, composta por pessoas que, além de, por vezes, adotarem um visual extravagante, comparecem com cartazes contendo mensagens de conteúdos variados. Procuram manter uma posição fixa junto à mureta que separa o nível 1 do campo de jogo, próximo à divisa com os setores inferiores Leste ou Oeste, provavelmente em função da maior densidade de câmeras de televisão encontradas naqueles locais. Seu principal objetivo tem relação com a projeção da própria imagem e da mensagem que carrega consigo entre o público consumidor do *produto* futebol: telespectadores, leitores de jornais e sítios especializados. Existe, contudo, a preocupação em transmitir um conteúdo voltado para a coletividade, normalmente de incentivo ao time do coração, a um determinado atleta ou de chacota com o adversário.

O segundo grupo é o dos *torcedores folclóricos*. Esses frequentadores, com visual exótico, são os alvos prediletos para registros fotográficos da assistência presente, especialmente entre o público infantil. Nesse caso, a adoção de indumentárias fora dos padrões apresenta a função de atrair as câmeras de televisão, mas, especialmente, a atenção da plateia presente ao estádio (foto 6).



Foto 6. Torcedores caricatos divididos em *mensageiros* (no alto, à direita) e *folclóricos* (à esquerda e na porção inferior, à direita) presentes nos setores inferiores Sul e Norte. Fotos do autor (2015).

Concentrados nas primeiras fileiras das porções inferiores Norte e Sul, esses *torcedores caricatos* são indivíduos que vivem o pré-jogo e o jogo, propriamente dito, de uma forma intensa e bastante peculiar. O visual pitoresco, cuidadosamente montado e carregado de intencionalidades, assim como as mensagens que procuram transmitir, refletem estratégias de diferenciação em relação aos demais frequentadores do estádio. A localização nessas porções do Maracanã parece atender a dois importantes pré-requisitos: a proximidade em relação às câmeras de televisão (especialmente para os *mensageiros*) e o perfil familiar do público dos

níveis inferiores, com uma expressiva quantidade de crianças e adultos em busca de registros fotográficos (para os *torcedores folclóricos*). Muitos caricatos frequentam o Maracanã há décadas e simbolizam verdadeiros “testemunhos” da antiga Geral. Os torcedores próximos ao topo da pirâmide etária desfrutam do benefício proporcionado pela lei das gratuidades. Para aqueles entre 60 e 64 anos, é possível adquirir o ingresso pela metade do preço. Nesse caso, a idade avançada é um agente facilitador da presença assídua ao estádio mesmo após a eliminação do antigo setor popular.

### *Os espectadores clássicos*

Essa categoria de frequentador do Maracanã é composta por admiradores do futebol que preferem assistir às partidas distantes de manifestações corpóreas de maior impacto visual, sem qualquer barreira física ou humana que atrapalhe a sua experiência no estádio. Encontrados em todos os setores do estádio, tendem a se concentrar em maior número nos setores Leste e Oeste, em razão da prevalência de códigos de comportamento mais rígidos, privilegiando o respeito ao ato torcer como expressão individual. Sozinhos ou acompanhados por amigos ou familiares, optam, ao contrário dos *satélites*, por localizações distantes dos MOTs, inclusive nas porções Sul e Norte. Seu objetivo primordial, a partir do momento da entrada das equipes, é o de apoiar o time do coração, concentrando-se, para tal, no tenso desenrolar da ação no gramado. Ao contrário das formas coletivas ou dos indivíduos temporariamente coletivizados, há repetidas contorções e contrações do corpo, que se expande em momentos extremos, seja de euforia, seja de descontentamento. O estabelecimento de vínculos temporários de “amizade” com pessoas desconhecidas é outra marca comum a esses indivíduos, assim como o olhar fixo e atento direcionado ao campo de jogo.

Até 2015, nos então setores mistos Leste e Oeste, a proximidade com os torcedores adversários, a imposição de normas restritivas, seja ao costume de torcer de pé, seja às manifestações efusivas de longa duração, e a ampla aceitação por grande parte do público

presente das regras vigentes contribuíram ainda mais para a prevalência das expressões vocais sobre as corpóreas. Ainda assim, o perfil do público frequentador, afeito muito mais ao “padrão arena” do que ao dos estádios tradicionais, parecia inibir ou mesmo constranger manifestações tidas como inadequadas para aqueles ambientes.

Apenas no decorrer dos jogos envolvendo a equipe do Vasco da Gama como mandante e nos clássicos locais de maior rivalidade era possível observar comportamentos, até certo ponto, exacerbados por parte de um número considerável de indivíduos. No primeiro caso, acreditamos que o uso intermitente do estádio de São Januário, que resiste (ou não conseguiu se inserir) ao processo de arenização, cristalizando-se como uma anti-arena, impediu a ruptura com a cultura torcedora tradicionalmente construída, conferindo ao seu adepto características que o distinguem dos seus congêneres cariocas. Sendo assim, com base em repetidas observações, é possível identificar o espectador cruzmaltino como aquele que demonstrava uma menor preocupação em seguir o padrão de comportamento desejado para os frequentadores dos setores mistos do Maracanã. Palavras de baixo calão e expressões de fúria contra os atletas, dirigentes e a arbitragem eram proferidas sem o menor constrangimento. Nos clássicos locais, ao contrário, parecia haver um maior equilíbrio quanto à postura adotada. A rivalidade histórica parece conduzir a uma participação mais ativa dos demais torcedores, impondo ao adepto do Vasco da Gama, obrigado a compartilhar o espaço com o adversário/vizinho, um comportamento menos explosivo.

### *Os invasores*

Jogos de caráter decisivo servem tanto para aflorar sentimentos de fanatismo, expressos na maior propensão ao enfrentamento (inclusive físico) com o rival (compreendido como inimigo), quanto os relacionados à adoção de atitudes extremas. Nesses casos, o amor ao time do coração suplanta qualquer preocupação relacionada à defesa da própria integridade física, o que lhe confere um capital simbólico que servirá como elemento de distinção em relação aos



demais torcedores. Ainda que este grupo não faça parte dos tipos de frequentadores comumente encontrados no estádio, cabe o registro acerca dessa expressão *sui generis* de indivíduo, *fanático*, obrigado a se portar como *espectador clássico* em função das condições adversas às quais se submete de forma voluntária.

Dias antes da partida final do Campeonato Carioca de 2016, todos os ingressos disponíveis para o setor Sul e para as porções mistas foram comercializados. Restavam apenas, entradas para a parte Norte, destinada exclusivamente ao Botafogo, que, na véspera, também estavam vendidas. Terminada a disputa com a confirmação do bicampeonato estadual para o Vasco da Gama, em poucos minutos a torcida alvinegra deixou o local a ela destinado, que ficara praticamente vazio. No momento da “volta olímpica” da equipe vencedora, do setor Oeste inferior (onde eu estava), constatei a presença de torcedores do Vasco da Gama infiltrados no nível 1 do setor Norte (foto 7). Ao me aproximar, identifiquei *fanáticos* cruzmaltinos comemorando a conquista. Um deles abriu a mochila, retirou uma camisa do clube e, quando gesticulei em sua direção solicitando um registro fotográfico, consentiu de imediato, exibindo orgulhoso o “troféu” em “território hostil”. Outro torcedor chamou a atenção não somente por carregar uma bandeira do time do coração em meio a outros *invasores*, mas em razão do “disfarce” adotado: uma camisa da Juventus, equipe italiana cujo uniforme é praticamente idêntico ao do Botafogo, atitude que, por se tratar de uma agremiação europeia, não configuraria uma traição ao time do coração. Há de se levar em conta a percepção desse clássico como de baixo risco, reforçada pela tradicional relação amistosa entre as duas torcidas, e o fato de a porção Norte inferior concentrar um público com grau de fanatismo moderado. Mesmo assim, a atitude ousada desses intrépidos torcedores merece registro.



Foto 7. Fanáticos cruzmaltinos *invasores* no território alvinegro. Fotos do autor (maio de 2016).

### *Os espectadores atores/não torcedores*

O espaço concebido da arena busca atrair com o frequentador apaixonado pelo clube (independentemente de qual seja a sua cultura torcedora) um novo perfil de público que, pode até demonstrar algum interesse, mas não tem na partida de futebol a principal motivação para comparecer àquele ambiente. Poderíamos chamar de *torcedores anexos* esse grupo de agregados, mas, para combinar com as arenas “sem mito” ou “sem alma”, denominaremos formalmente como *não torcedores*. Em geral, pertencem a grupos tradicionalmente excluídos do antigo estádio. São indivíduos pouco afeitos à essência do esporte, que encaram a ida ao futebol como um dentre tantos eventos sociais onde é possível, em um ambiente limpo, seguro e confortável, confraternizar com amigos e familiares. Tudo devidamente registrado, postado e compartilhado nas redes sociais. Em obediência ao *dress code* recomendado para a ocasião, fantasiam-se com a camisa oficial, preferencialmente do modelo mais recente, da equipe para a qual consentem em apoiar. Para esses *outsiders*, o desenrolar da ação no interior das quatro linhas e a festa das torcidas adquirem uma importância secundária.

Espécie de “versão Maracanã” do *flâneur* de Richard Giulianotti, o *não torcedor* compõe uma subcategoria dos torcedores avulsos. Sua ligação com o futebol é desenraizada, com uma identificação clubística que pode ser inexistente, herdada ou adquirida. Costumam ser encontrados em maior número durante partidas de grande interesse de público (e mídia) ou em jogos contra adversários com pouco ou nenhum grau de rivalidade (ideais para programas em família), preferencialmente disputados em dias e horários nobres, que não demandem grandes sacrifícios relacionados ao deslocamento e à permanência nesse recinto.

Sua atitude, quando muito é contemplativa, por vezes de desdém. Ele representa o *não torcedor*, não em função de se recusar a torcer, mas sim em razão da falta de uma identificação com a cultura torcedora vigente. O local do estádio no qual se sente mais à vontade é o Maracanã Mais, ponto de convergência do torcedor “sem mito” com o estádio “sem alma”. Ele também pode ser encontrado em qualquer outro setor, haja vista que costuma estar em companhia de uma ou mais pessoas verdadeiramente interessadas no espetáculo. Nada impede, porém, que, com o passar do tempo, esses indivíduos “ascendam” a outras categorias. Entretanto, a ambiência produzida no estádio atual, especialmente nas porções com plateia mista, dificulta o surgimento e a consolidação de uma paixão torcedora imune a modismos.

Como exemplo de uma postura relacionada ao não torcer, ao longo do primeiro tempo da partida final do Campeonato Carioca de 2015, no setor Maracanã Mais, chamava a atenção um casal sentado lado a lado na segunda fileira, atrás do banco de reservas ocupado pela equipe do Botafogo. Cada um segurava a ponta de uma pequena faixa, que, aberta, era constantemente erguida com o intuito de que pudesse ser capturada pelas imagens das câmeras de televisão. Sentado algumas fileiras atrás, dediquei boa parte da primeira etapa “marcando-os” sem sucesso, em busca do momento em que conseguiria registrar a mensagem contida naquele cartaz uma vez que ele não era exibido para o público presente, mas sim em direção aos telespectadores. Comecei a imaginar o “pré-jogo” daquele casal. Em função da intensa procura,

é provável que tenham aguardado longas horas à frente do computador a fim de comprar as entradas via internet. É possível deduzir que não tenham conseguido escolher os assentos desejados na primeira fileira, sendo então compelidos a ocupar a segunda linha de cadeiras. Há de se levar em conta também todo o trabalho envolvendo a concepção visual e a escolha da mensagem.

Sem dúvida, a exibição da faixa adquiriria maior importância do que o evento em si. Apesar de o rapaz vestir a camisa do Botafogo (sua acompanhante não estava identificada com qualquer símbolo clubístico), no momento do primeiro gol do Vasco da Gama, ambos ergueram o cartaz num movimento sincronizado com o dos braços dos torcedores adversários, afinal, as câmeras estariam direcionadas para registrar aquela celebração. Terminada a primeira etapa, esperei que retornassem aos seus lugares (seguiram com a faixa, em ritmo acelerado, rumo ao túnel onde, em função da passagem obrigatória dos jogadores, havia uma grande concentração de repórteres e câmeras), me dirigi a eles e perguntei se poderia fazer um registro fotográfico do cartaz. Na verdade, tratava-se de uma espécie de *banner* muito bem elaborado, que continha a seguinte mensagem dividida em cinco linhas (sem a devida pontuação): MÃE TÔ NA GLOBO Marcus Vinicius e Paula Katherine MOSSORÓ/RN (foto 8). Em destaque, ocupando toda a segunda linha, a palavra GLOBO com a primeira letra “O” representada pelo símbolo da emissora de televisão detentora dos direitos de transmissão da competição.

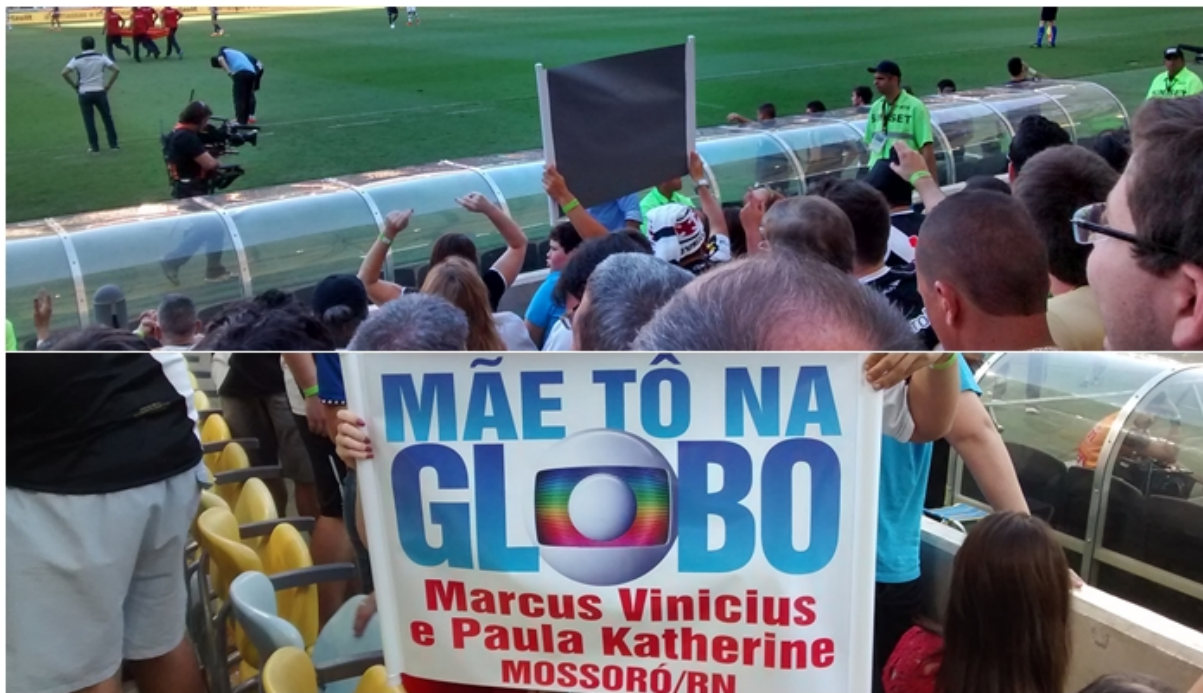


Foto 8. A “saga” de Marcus Vinicius e Paula Katherine para homenagear a mãe na transmissão da Rede Globo.  
Foto do autor (maio de 2015).

O alto investimento realizado pela dupla na aquisição de ingressos (algo entre R\$ 210 e R\$ 330), além da confecção do *banner*, de um possível deslocamento aéreo, transporte intraurbano e, talvez, hospedagem, parece obedecer à seguinte ordem decrescente de relevância: ser focalizado pela Rede Globo – avisar à mãe do sucesso da empreitada – assistir à partida decisiva do Botafogo.

### **Considerações finais**

Compreendemos que, até o momento, não houve a transformação do tradicional espaço monumental carioca em um ambiente realmente democrático, de respeito à diversidade (de classe, de gênero e étnica) e aos direitos dos grupos historicamente marginalizados, algo que também inexistia no antigo estádio. Percebe-se, por sua vez, uma troca do filtro relacionado à exclusão que passou de sociocultural para socioeconômica, produzida pela desterritorialização dos torcedores de menor poder aquisitivo. Por sua vez, a constante tensão existente entre as forças verticais impostas pelos atores hegemônicos e as horizontais empreendidas pelos atores

hegemonizados exerce influência decisiva sobre a forma como o mítico estádio vem sendo e será apropriado por um público de comportamento multifacetado.

A (co)existência de diferentes modos de torcer indica a permanência e, no caso das torcidas organizadas, a sobrevivência, de antigas formas, compreendidas como inadequadas segundo a concepção das arenas como locais destinados ao torcedor-consumidor. O fortalecimento de expressões de resistência dificultou e, em determinadas situações, impediu a plena imposição das ações planejadas pelos grupos hegemônicos. Terminada a Copa do Mundo, percebe-se um processo contínuo de inclusão, exclusão e reapropriação daquele espaço consagrado à prática do futebol.

As mudanças percebidas ao longo dos anos de 2015 e 2016 mostram o Maracanã como um objeto mutante e de uma complexidade difícil de capturar, cuja ambiência produzida em seu interior, resulta do embate contínuo entre diferentes forças. Estas, por sua vez, geram múltiplas combinações e recombinações que reforçam o caráter orgânico do icônico estádio, onde o espaço vivido não corresponde ao espaço concebido. Nele, constatamos a produção de múltiplas territorialidades torcedoras de caráter efêmero no interior e nos arredores da arena hipersetorizada. Acreditamos, portanto, que seja viável a construção de um ambiente inclusivo, que combine o resgate de aspectos positivos relacionados ao estádio popular, com os avanços percebidos por uma expressiva parcela dos novos e antigos frequentadores após a sua arenização.

## Referências bibliográficas

BALE, John. 1993. **Sports geography**. Second Edition. Routledge Taylor & Francis e-Library.

BROMBERGER, Christian. 1995. **Football as world-view and as ritual**. French Cultural Studies 1995, 6: 293-311.

COELHO, Gustavo Rebelo. 2015. **Pixadores, Torcedores, Bate-Bolas e Funkeiros: enigmas no reino da humanidade esclarecida**. 2015. Tese de Doutorado em Educação – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

FLORES, Luiz Felipe Baêta Neves. 1982 **Na Zona do Agrião**. Sobre Algumas Mensagens Ideológicas do Futebol. In: DaMATTÁ, Roberto (et al.). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Pinakotheque: 43-58.

GAFFNEY, Christopher. 2004. A experiência do estádio. **Anais do IX SOLAR**. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, nov. 2004.

GIULIANOTTI, Richard. 2012. Fanáticos, seguidores, fãs e flaneurs: uma taxonomia de identidades do torcedor no futebol. **Record**: Revista de História do Esporte, v. 5, n. 1, jun. 2012.

LEFÉBVRE, Henri. 2006. **A produção do espaço**. Tradução de: Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. 4. ed. Paris: Éditions Anthropos.

HAESBAERT, Rogério. 1997. **Des-territorialização e Identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste**. Niterói, EdUFF.

MASCARENHAS, Gilmar. 2013. Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol. **Revista Cidades**, Presidente Prudente – SP, v. 10, n. 17: 142-170.

SANTOS, Irlan Simões da Cruz. 2014. **“O Público que devemos abolir”**: a elitização do futebol brasileiro e as novas arenas. Trabalho de Conclusão de Curso – Comunicação Social, Universidade Federal de Sergipe.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. 2013. Futebol, emoção e sociabilidade: narrativas de fundadores e lideranças dos movimentos populares de torcedores no Rio de Janeiro. **Revista Esporte e Sociedade**, ano 8, n. 13, mar. 2013.

## Sítio consultado:

<http://colunadoflamengo.com/2015/02/nacao-12-e-fla-manguaca-anunciam-parceria/> Acesso

em 30 de abril de 2018.

---

<sup>1</sup> O presente texto constitui parte da tese de doutorado intitulada *O estádio de futebol como arena para a produção de diferentes territorialidades torcedoras*: inclusões, exclusões, tensões e contradições presentes no novo Maracanã, defendida em 31 de agosto de 2013, no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UERJ (PPGEO-UERJ) e orientada pelo Prof. Dr. Gilmar Mascarenhas.

<sup>2</sup> Nos setores Norte e Sul, o nível 1 corresponde às porções inferiores e os níveis 2 e 5 às porções superiores.

<sup>3</sup> O termo em si é um híbrido, resultante da combinação entre as práticas adotadas especialmente pelas torcidas organizadas tradicionais e os movimentos populares de torcedores. Englobamos também as torcidas *chopp*, *rastas* e outras propostas similares calcadas na intenção de torcer em paz e transformar o estádio em espaço de festa.

<sup>4</sup> Os valores oscilaram de R\$ 5 mil a R\$ 20 mil por componente flagrado desrespeitando a decisão da justiça.

<sup>5</sup> Punida até o momento em que finalizamos as observações no estádio, em função do acúmulo de ocorrências criminais, com destaque para o confronto contra torcedores organizados do Clube Atlético Paranaense, na rodada derradeira do Campeonato Brasileiro Série A (2013), na Arena Joinville. Em 2015, retornou à mídia esportiva-policial em razão do enfrentamento direto com a torcida *Young Flu*, nas vias de acesso ao Estádio Nilton Santos/Engenhão.

<sup>6</sup> A esse respeito, podemos elencar os seguintes acontecimentos: 1. a saudação à organizada *Young Flu* feita por um membro da *Bravo 52*, responsável pela introdução ao ritual que marcou a marcha dos seus componentes da área de circulação em direção à arquibancada do nível 2 (setor Sul) na partida contra o Coritiba; 2. a reprodução dos cânticos tradicionalmente entoados pela *Força Jovem do Vasco* por integrantes do movimento popular *Guerreiros do Almirante* e, em ocasiões isoladas, por torcedores avulsos na parte interna do estádio antes e após as partidas (em caso de triunfo), notadamente nas disputas contra o Flamengo; 3. a exibição, junto à torcida/movimento *Rasta*, da bandeira com a efigie de Marcelo Mendonça, conhecido pela alcunha de Marcelo He Man, ex-presidente da *Força Jovem*, recentemente falecido após um longo período de tratamento contra um câncer que o acometera. No pavilhão, além da inscrição “He Man eterno”, era possível identificar, na gola da camisa do homenageado, ainda que de modo bastante sutil, as iniciais FJV.

<sup>7</sup> Jogo realizado em 12 de julho de 2015.

<sup>8</sup> Jogo realizado em 16 de setembro de 2015.

<sup>9</sup> Assim preferem ser chamados, em vez de *movimento*, *movimento popular* ou *torcida de alento*, de acordo com o relato de um componente.

<sup>10</sup> Idade considerada “avançada” quando comparada à dos demais integrantes daquele coletivo.

<sup>11</sup> Por ironia, logo após, o mesmo torcedor de perfil apaziguador, chamou a atenção de um jovem torcedor avulso que, em meio aos componentes da *Bravo 52*, protestava com palavrões e gestos ofensivos. O jovem retrucou com palavras de baixo calão sugerindo, inclusive, que o dissenso fosse resolvido via enfrentamento físico. De imediato, o torcedor mais experiente apontou os punhos cerrados em sua direção. Membros do próprio movimento evitaram que ambos se enfrentassem. Quando da chegada do policiamento, a situação estava controlada.

<sup>12</sup> Além das organizadas tradicionais e dos movimentos populares, podemos destacar outras expressões relacionadas ao torcer em grupo presentes no Maracanã, às quais denominamos como “expressões alternativas de torcer” subdivididas em: “expressões alternativas tradicionais” (torcidas locais e femininas) e “novas expressões alternativas” (torcidas *chopp* e *rastafári*). Suas denominações procuram destacar sua segunda identidade como elemento de distinção em relação aos demais coletivos torcedores ligados ao clube que representam. São eles: o território, em suas múltiplas escalas (município, bairro, rua, etc.); o gênero; e o consumo de substâncias que alteram a consciência, tais como o álcool (especialmente *chopp* e cerveja) e a *cannabis sativa*. Esta última, em razão da criminalização relacionada à sua utilização em locais públicos, estabelecida pelo Código Penal, encontra-se disfarçada por um complexo jogo de identificações associadas.